

O Papel do Professor de Geografia na Sociedade Contemporânea

El Papel del Profesor de Geografía en la Sociedad Contemporánea

The Teacher's of Geography Paper in the Contemporary Society

NAJLA MEHANNA MORMUL

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) - *Campus* de Francisco Beltrão- Colegiado do
Curso de Geografia. E-mail: najlamehanna@gmail.com

Recebido: 25 de abril de 2018 Aceito: 08 de junho de 2018
Disponível on-line em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica>

Resumo – O presente trabalho é fruto de reflexões realizadas sobre a formação de professores de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Francisco Beltrão. As discussões aqui apresentadas dialogam com demandas presentes em outros cursos de licenciatura em Geografia, a exemplo do curso de Marechal Cândido Rondon (MCR) da mesma instituição. Nesse sentido, esse trabalho expressa os anseios de uma professora formadora de professores(as) que, ao proferir a fala de abertura da XX Expedição Geográfica, evento organizado pelos acadêmicos do curso de Geografia da Unioeste, *campus* de MCR, buscou abordar questões que afetam direta e/ou indiretamente o ser professor de Geografia na atualidade. Para tanto, explicitou-se algumas ideias a fim de fortalecer a reflexão acerca dessa profissão. Longe de procurar respostas, pretende-se, sobretudo, estimular o pensar sobre a formação, sobre ser professor de Geografia. Por mais adversas que sejam as condições de trabalho do professor, não podemos perder o real sentido da profissão e a importância que ela carrega em si, que pode ser compreendida, inclusive, por meio da contradição, ou seja, quanto mais se nega e se torna precária a profissão professor, mais ela [profissão professor] reacende como de suma importância para a formação humana e, conseqüentemente, à construção de um mundo melhor.

Palavras-chave: Profissão professor; Geografia; Sociedade; Educação escolar.

Resumen – El presente trabajo es resultado de reflexiones hechas sobre la formación de profesores de Geografía de la *Universidad Estadual do Oeste do Paraná, campus de Francisco Beltrão*. Sin embargo, las discusiones aquí presentadas dialogan con las demandas presentes en otros cursos de licenciatura en Geografía, como ejemplo del curso de Marechal Cândido Rondon (MCR) de la misma institución. En este sentido, ese trabajo expresa los deseos de una profesora formadora de profesores (as) que, al pronunciar la habla de abertura da XX Expedición Geográfica, evento organizado por los académicos del curso de Geografía de la Unioeste, *campus* de MCR, buscó abordar cuestiones que afectan directa y/o indirectamente el ser profesor de Geografía en la actualidad. Para tanto, se aclaró algunas ideas a fin de fortalecer la reflexión acerca de esa profesión. Lejos de buscar respuestas, se pretende, sobre todo, estimular el pensar sobre la formación, sobre ser profesor de Geografía. Por más adversas que sean las condiciones del trabajo del profesor, no podemos perder el real sentido de la profesión y la importancia que ella carga en sí, que puede ser comprendida, incluso, a través de la contradicción, o sea, cuanto más se niega y se hace precaria la profesión profesor, más ella [profesión profesor] reavivará cómo de suma importancia para la formación humana y, conseqüentemente, la construcción de un mundo mejor.

Palabras-clave: Profesión professor; Geografía; Sociedade; Educación escolar.

Abstract - The present work is fruit of reflections accomplished about the teachers' of Geography of the State University of the West of Paraná, *campus* of Francisco Beltrão. Without seizure, the discussions here presented dialogue with present demands in other degree courses in Geography, to example of the course of Marechal Cândido Rondon (MCR) of the same institution. In this sense, this work expresses the yearnings of a teacher-training teacher who, in speaking the opening of the XX Geographical Expedition, organized event for the academics of the course of Geography of Unioeste,

campus of MCR, sought to address issues that affect directly and/or indirectly the being professor of Geography in the present time. For so much, it was explained some ideas in order to strengthen the reflection concerning that profession. Far away from seeking answers, it is intended, above all, to stimulate thinking about the formation, on being teacher of Geography. No matter how adverse they are the conditions of the teacher's work, we cannot lose the real sense of the profession and the importance that she carries in itself, that it can be understood, besides, through the contradiction, in other words, the more he refuses and if it turns precarious the profession teacher, more her [profession teacher] it relights as of addition importance for the human formation and, consequently, to the construction of a better world.

Key-word: Profession teacher; Geography; Society; School education.

Introdução

Guy Debord (1997) criador do termo Sociedade do Espetáculo, diz que uma das características da sociedade atual é a imagem da realidade manipulada pelas mídias, de forma a transformar a vida num espetáculo, representando os valores do capitalismo e mostrando uma falsa realidade. Diante disso, é importante pensar sobre os estudantes que chegam a nossas escolas, salas de aulas: quem são? O que almejam? Qual sentido tem a escola para eles?. E as aulas de Geografia? Quais as possibilidades que nós professores e professoras de Geografia temos para atrair a atenção desses alunos? Os conteúdos expressos nos livros didáticos de Geografia e/ou nos currículos escolares dialogam com a vida desses alunos? Como nos apropriamos dos conhecimentos historicamente construídos e produzimos novos? Enfim, como os futuros professores e professoras de Geografia se sentem em relação a essa e outras questões que são inerentes à profissão, ao projeto de sociedade e, especialmente, à escola que pode ao mesmo tempo ser um espaço dinâmico ou estático, difuso ou organizado, reproduzidor ou transformador. Longe de dar respostas conclusivas sobre essas questões nosso objetivo é promover a reflexão-ação sobre a profissão professor. Para tanto, buscou-se redigir este texto em consonância com os anseios e aspirações de ser e formar professores (as) em tempos de incertezas, colado ao contexto histórico, econômico, político e social que vivemos.

Bauman relembra que:

[...] na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeitos sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável [...] A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta é a transformação dos consumidores em mercadorias (BAUMAN, 2008, p.20)

A partir da citação acima, podemos perguntar como em uma sociedade de consumidores é possível que a escola não se reorganize a fim de promover ações que representem resistência a essa lógica? Não é possível admitir que em pleno século XXI a escola e os trabalhos dos professores (as) se resumam em manter os alunos dentro dos limites do espaço escolar [sala de aula] quietos e enfileirados, seguindo sem tremeluzir o currículo oficial.

Nesse sentido, defendemos que o professor e a professora de Geografia quando tem clareza sobre o que ensinar, porque e para que, o processo de ensino e aprendizagem ganha sentido/significado. A partir de uma resignificação dos conteúdos de Geografia em paralelo ao entendimento do contexto histórico, ou seja, do projeto de sociedade engendrado, almejamos despertar nos alunos a importância de compreender o mundo geograficamente. Ler o mundo por meio da Geografia é um dos maiores desafios que professores e professoras de Geografia enfrentam, visto que muitas das vezes os alunos não conseguem abstrair os conteúdos geográficos tornando-os, por vezes, desconectados com o mundo que eles vivem.

Ao advertirmo-nos para o fato de os conteúdos geográficos dialogarem com a vida dos alunos, não estamos defendendo um ensino pautado apenas nos saberes empíricos deles, mas que haja uma articulação entre este saber com o saber sistematizado, ou seja, não é pela simples incorporação de novos conteúdos que esperamos que o ensino de Geografia se ressignifique. Mas, pela possibilidade que, por meio dos conceitos geográficos os professores e as professoras e os alunos possam ler, entender e intervir no mundo de modo propositivo. Sendo o espaço geográfico um conceito importante para o estudo da Geografia, não podemos nos eximir de pensar na produção deste e como se processam as relações que nele se estabelecem.

Portanto, é preciso cuidar que os professores (as) tenham uma formação que lhes permitam refletir sobre quais são os saberes necessários à prática docente, sendo que para tanto precisam de apoio, acompanhamento durante a formação inicial e condições materiais e imateriais para a realização da formação continuada. Logo, o lugar da formação de professores nas universidades precisa ser repensado de dentro para fora. E é com esse intuito que organizamos este texto, à luz da experiência enquanto professora formadora de professores de Geografia na Unioeste, buscando publicizar algumas constatações, sonhos, e, também possibilidades de enfrentamento de situações que permeiam o ser e fazer docente.

Desafios Docentes

Lewis Carroll, ao escrever **Alice no país das maravilhas** em 1865, atribuiu a frase seguir ao Gato Cheshire, quando Alice questiona-o sobre qual caminho seguir, respondeu o gato -“Se você não sabe para onde vai qualquer caminho serve”-. Esta mesma resposta cabe hoje para muitos futuros professores e professoras que, estão em vias de concluir o curso de licenciatura em Geografia e não sabem o que fazer. Essa situação nos remete, primeiramente, a discussão da formação de professores de Geografia, uma vez que se torna imperante dada as reais condições sociais, políticas, econômicas e pedagógicas entender o futuro dessa profissão. Na sociedade atual, composta por valores, atitudes contraditórias, porém, a serviço do capital, a profissão professor (a) gradativamente está sendo precarizada, em nome de uma Nova Gestão Pública, sendo que a favor do mercado elimina-se a coletividade e estimula-se a individualidade, competitividade e a meritocracia, logo, o sentido da profissão professor esvazia-se, ficando a pergunta: quem é o professor?

Platão diria: aquele capaz de fazer com que o outro se lembre da verdade, reconhecendo-a. Rousseau diria: aquele capaz de fazer da cultura uma astúcia que reproduza, por novos caminhos, a vida natural perdida. Kant diria: o que traz as luzes, ensinando a pensar em lugar de fornecer pensamentos. O jesuíta disse: aquele capaz de estabelecer uma distância absoluta entre o conhecimento e o real, ensinando, por exemplo, a crianças que falam o português, o latim por meio das regras da gramática latina. Hegel diria: aquele capaz de fazer lembrar e de trazer as luzes, respeitando as etapas de desenvolvimento da consciência. Victor Cousin disse: um funcionário posto pelo Estado a fim de transmitir moral e civismo, formando espíritos aptos necessários ao próprio Estado. Um marxista perguntaria: quem educa o educador? Paulo Freire disse: aquele capaz de conscientizar, revelar a opressão e anular a colonização. (CHAUÍ, 2016, p.256)

Diante dessa multiplicidade de definições, buscamos reconhecer quem são os sujeitos que frequentam o curso de Geografia tomando como parâmetro os licenciandos e licenciandas do curso de Geografia da Unioeste, *campus* de Francisco Beltrão. Observamos nos últimos 08 (oito) anos que, os licenciandos(as) do curso de Geografia são predominantes jovens e adultos entre 17 (desessete) a 27 (vinte e sete) anos. A grande maioria mora nas cidades vizinhas e vão e vem para a universidade todos os dias. É importante destacar que a região sudoeste do Paraná abrange 42 municípios, portanto, há estudantes que percorrem mais de 100 (cem) quilômetros diariamente para estudar. Essa condição dificulta o processo de formação, uma vez que esses só conseguem usufruir da

universidade durante o tempo das aulas, poucos conseguem se envolver em projetos de ensino, de extensão ou pesquisa, enfim outras atividades que são importantes para qualificar a formação docente. Ainda, são poucos os estudantes que não trabalham –ficando explícito que o trabalho é algo necessário – assim, aquilo que deveria ser secundário (trabalho) passa a ser primordial, enquanto a universidade, ou seja, o curso e suas atribuições passam a ocupar lugar menos relevante na vida desses sujeitos. Essa situação existe porque muitos discentes que frequentam o curso são arrimos de família ou precisam trabalhar para poder se manter estudando. Portanto, é desse lugar que falamos de sujeitos que imbuídos no sistema capitalista, imersos ou lutando contra a lógica vigente buscam ser professores, inclusive, muitas vezes, sem ter a dimensão das implicações dessa escolha.

Uma das queixas mais frequentes dos licenciandos e licenciandas é a desarticulação dos conteúdos, seja em relação aos componentes curriculares das escolas, seja a falta de articulação entre as disciplinas do próprio curso. Ainda existe a dificuldade expressa pelos licenciandos(as) em entender os próprios conteúdos curriculares trabalhados pelos docentes no curso.

A estrutura curricular de nossos cursos, que reproduz esta forma de organizar e conceber o processo de conhecimento - primeiro a teoria e depois a prática -, revela a concepção de conhecimento como um dado pronto, acabado, cristalizado, estático, que separa o sujeito, que concebe, do objeto a conhecer (FREITAS, 1996, p. 43).

A maioria dos licenciandos(as) são oriundos de escolas públicas, alguns apresentam dificuldade na escrita e oralidade. A distância entre universidade e escola é grande e a falta de diálogo entre essas duas instituições afeta a formação. Infelizmente, muitos licenciandos(as) vão se dar conta que serão professores(as) somente com a prática do Estágio Supervisionado que ocorre no 3º ano da graduação. Aspectos como esses fragilizam a formação docente e acenam como questões a serem enfrentadas/discutidas. Contudo, para tanto é necessário que o coletivo de docentes formadores e discentes tomem consciência que o projeto de formação de professores(as) é decorrente do contexto histórico, econômico, social e político que vivemos, que origina as políticas públicas para educação. Portanto, é necessário entender o processo para que possa entender o produto. Para, além disso, também é importante romper o modelo aplicacionista na formação de professores, conforme alerta Tardiff. Salientamos, entretanto, que não defendemos a prática sob a prática, mas entendemos que o saber docente é plural e que todos [saberes¹] são igualmente importantes para a formação do profissional professor(a).

Para Tardiff o modelo aplicacionista atua em um movimento unilateral em que são privilegiados os conhecimentos produzidos na universidade e simplificado os saberes necessários à formação do professor, com isso, segundo o autor, se nega a dimensão espacial dos sujeitos e saberes produzidos.

A crítica à racionalidade técnica, que serviu de referência para a educação e à formação de professores, colaborou para o aparecimento de uma série de pesquisas empenhadas em mostrar o professor como um investigador da sua prática, alguém que, diante de uma situação problema, toma decisões baseadas em saberes de diferentes origens. Concebendo o professor como um profissional reflexivo e investigador da sua prática, Schon (2000) entende o desenvolvimento da prática docente com base em três ideias centrais: o conhecimento na ação, a reflexão na ação e a reflexão sobre a reflexão na ação. (MARTINS, 2015, p. 252)

Uma possibilidade de superar esse modelo seria pela Prática como Componente Curricular (PCC) que foi instituída no ano de 2002 em todos os cursos de licenciatura do país como forma de fortalecer o vínculo entre universidade-escola. Contudo, há muitas dificuldades à implantação da PCC, seja pelo desconhecimento dela e até mesmo pela

¹Saberes curriculares, experienciais, acadêmicos e profissionais.

ausência de uma definição oriunda da própria Instituição que poderia auxiliar os docentes dos cursos de formação de professores.

Nesse sentido, a PCC que deveria ser uma possibilidade de estreitamento do diálogo entre escola e universidade, acaba sendo, por vezes, vista com um empecilho para o professor que pautado na racionalidade técnica vê a PCC como algo desnecessário. Oliveira (2015) em pesquisa desenvolvida com professores do curso de Geografia da Unioeste/FB apontou que a PCC apesar de ser considerada importante, conforme anunciado no Projeto Político Pedagógico do curso, não é realizada em sua totalidade, sobretudo, porque muitos docentes acreditam que esse tipo de prática cabe apenas aos professores das disciplinas ditas pedagógicas, ou por não reconhecerem o valor dessa atividade para a formação de professores, ou simplesmente por desconhecerem sua importância e acreditar que em suas especialidades não cabe essa discussão e reflexão.

Os nossos cursos na universidade devem informar, permitir que o aluno adquira um grande repertório de conteúdos e saiba discuti-los teoricamente; ou deve formar um bom professor que saiba discutir e ensinar o processo de aprender, e daí transire entre os conteúdos e os aspectos pedagógicos de forma a realizar um ensino conseqüente com aquilo que se espera da escola no mundo atual. O profissional que um curso de graduação-licenciatura forma vai trabalhar com educação, com o processo de ensino-aprendizagem de um determinado conteúdo que é parte do currículo do primeiro e do segundo grau. A sua prática não é construir coisas. Organizar/administrar problemas. Ensinar/treinar certas técnicas, mas é educar. E educar entendemos que seja criar as condições. Instrumentalizar pessoas para que tenham acesso concretamente à sua cidadania, e ao exercício dela. (CALLAI, 1995, p. 40)

Embora haja muito a ser realizado como: a articulação curricular, o aperfeiçoamento da PCC, o fortalecimento da pesquisa na formação do professor, entre outros aspectos, é importante continuar buscando uma formação de professores de Geografia de qualidade.

Por que ser professor(a)? A resposta talvez possa ser encontrada numa mensagem deixada por um prisioneiro de campo de concentração nazista que, depois de viver todos os horrores da Guerra, escreveu...

*Caro professor
Sou sobrevivente de um campo de concentração.
Meus olhos viram o que nenhum homem deveria testemunhar.
Câmaras de gás construídas por engenheiros ilustres.
Crianças envenenadas por médicos altamente especializados.
Recém-nascidos mortos por enfermeiras diplomadas.
Mulheres e bebês assassinados e queimados por gente formada em ginásio, colégio e universidade.
Por isso, caro professor, eu duvido da educação.
Eu lhe formulo um pedido: Ajude seus estudantes a se tornarem humanos.
Seu esforço, professor, nunca deve produzir monstros eruditos e cultos, psicopatas.
Ler, escrever, aritmética só são importantes se servirem para tornar nossas crianças seres mais humanos.*

(Depoimento de um sobrevivente de Auschwitz)

Talvez esteja aí a chave para entender a crise que vivemos: perdemos o sentido do que fazemos, lutamos por salário e melhores condições de trabalho sem esclarecer a sociedade sobre a finalidade de nossa profissão, sem justificar porque e para que estamos lutando (GADOTTI, 2003).

Para Gadotti (2003) o imperativo histórico e existencial força-nos a pensar sobre: qual é o papel do professor (a), da escola, da educação? O que um professor pode fazer? O que ele deve fazer? O que é possível fazer? Uma vez que ser professor(a) exige

compromisso social, político, ético e estético. Contribuir na formação humana é uma tarefa imensurável, porém, não deve ser destituída de sentido.

Então! Qual o Sentido de Ser Professor?

O sentido da profissão reside na capacidade do sujeito se reconhecer e ao mesmo tempo encontrar os motivos que o levaram a exercer determinada profissão, um bom profissional, não se move unicamente por questões financeiras. Apesar da importância de um bom salário para que determinada profissão seja valorizada socialmente, esse não é exclusivamentesuficiente para que tenhamos profissionais de qualidade. O profissional professor entendido em sua totalidade é resultado de um conjunto de elementos que compõem: ser, saber, aprender, fazer e reconhecer. Sendo esse último, por vezes, o mais complexo de ser entendido, visto que, muitos professores e professoras perderam ou não reconhecem sua identidade, por não perfilharem a luta de classes como uma categoria importante para entender o lugar que ocupam e de onde falam e para quem.

É difícil manter-se motivado diante de um contexto completamente desfavorável à profissão professor. Questão como essa nos provoca a pensar qual e/ou quais os motivos que nos levam a acreditar nessa profissão? Um dos mais importantes motivos talvez esteja na possibilidade de perceber que mesmo diante das adversidades o professor é um formador de opinião e pode retirar do limbo muitos indivíduos que estão à margem, ou seja, estão marginalizados por um sistema altamente excludente e competitivo. O acesso ao conhecimento é um elemento imprescindível para a formação humana, especialmente quando se almeja a formação de sujeitos críticos, conscientes e buscadores de um mundo melhor.

Para tanto, torna-se importante que o professor(a) conheça o projeto de sociedade engendrado e, assim, agir de modo lúcido e ativo no processo de ensino e aprendizagem, logo, na prática educativa como um todo. Infelizmente, num mundo em que o acesso à informação tornou-se tão veloz e acessível, ao menos ao que tange a uma parcela da população, essa [informação] possui duas senão mais faces. Ao se eleger duas faces como principais podemos dizer que a primeira oportuniza o acesso à informação por meio de diferentes meios de comunicação, bem como resultou na proliferação do uso das redes sociais e na rapidez de divulgação das mais diversas notícias. A segunda por sua vez contribuiu para a disseminação de informações banais, contribuindo de forma categórica para a alienação e ocultamento dos principais fatos que afetam diretamente a vida de todos. Obviamente que não devemos negar a importância da tecnologia, mas em se tratando de educação pública, gratuita e de qualidade, não há dúvidas que se tenha muito a percorrer.

A partir das conjecturas acima destacadas, retomamos a indagação inicial, qual o sentido da profissão professor em tempos que Projetos de Lei como Escola sem Partido vêm de forma solapante ameaçando a autonomia do professor? Como criminalizar a ação docente ou estimagtizá-la como doutrinária ou partidária, quando muitos professores(as) mal se reconhecem como sujeitos formadores, por passarem horas a fio entre os muros da escola e as paredes das salas de aula, trabalhando exaustivamente conteúdos que não conseguem relacioná-los com a vida dos alunos, onde tudo fora da escola é tão agradável, fácil e consumível.

Buscar incansavelmente formar sujeitos pensantes exige como aponta Freire (2011) competência, e poder-se-ia acrescentar a este outros elementos. Contudo, por ora elegemos a capacidade de ler geograficamente o mundo como condição *sinequa non* para ser professor de Geografia em tempos de incertezas.

Portanto, o que é ler o mundo geograficamente, senão a capacidade de pensar estrategicamente o espaço geográfico, entendido como “palco” onde ocorrem as relações entre natureza e sociedade. Relações essas mediadas por razões econômicas, políticas, sociais, culturais, ambientais etc. É no entrelaçamento desses agentes que entendemos a

produção sócio-espacial e por meio dela e dos conceitos basilares da Geografia escolar atribuímos sentido e significado ao que fazemos e porque o fazemos.

Do ponto de vista da geografia, esta é a perspectiva para se estudar o espaço: olhando em volta, percebendo o que existe, sabendo analisar as paisagens como o momento instantâneo de uma história que vai acontecendo. Essa é a leitura do mundo da vida, mas que não se esgota metodologicamente nas características de uma geografia viva e atual, assentada em categorias de análise que supõem a história em si, o movimento dos grupos sociais e a sua interligação por meio da ação ou até de interesses envolvidos. Há que se pensar também no paradigma de educação capaz de acolher, ou de referenciar, esse tipo de análise. (CALLAI, 2005, p. 235)

Não restam dúvidas que é a vontade de viver melhor, de ver a desigualdade diminuir e quiçá desaparecer e, principalmente, formar seres humanos emancipados que nos mantêm firmes no propósito de ser professor(a).

Ser professor(a) é ser sonhador mesmo que isso pareça ingênuo, ser professor(a) é semear, cuidar, para que as gerações futuras colham bons frutos, ser professor(a) é alcançar muitas vezes o inalcançável, ser professor(a) é ser resiliente e não desistir, ser professor(a) é olhar nos olhos dos alunos e dizer para si mesmo é por vocês que estou aqui, façamos valer a pena.

A Revista Carta Capital publicada em publicado 26/04/2011, trouxe uma matéria escrita por Tory Oliveira sob o título **Quem quer ser professor**, expondo algumas situações correspondentes à profissão, nela o autor ao referendar Bernadete Gatti ressaltou que: a busca pela valorização da carreira de professor passa também, mas não somente, por políticas de aumento salarial. Além de pagar mais, é preciso que o magistério tenha uma formação mais sólida e, principalmente, um plano de carreira efetivo. “Um plano em que o professor sinta que pode progredir salarialmente, a partir de alguns quesitos. Mas que ele, com essa dedicação, possa vir a ter uma recompensa salarial forte”, conclui a pesquisadora.

Mesmo que o sistema seja subversivo e venha gradativamente diminuindo o valor e a importância de milhares de professores e professoras é preciso resistir. Como lembra-nos Leonardo Boff em **A Águia e a Galinha: uma metáfora da condição humana**, muitos professores(as) devido às condições que são ofertadas esquecem sua essência e passam a serem galinhas quando de fato são águias, apenas sendo domesticadas para não ver para além do galinheiro. As escolas públicas que mais parecem presídios dado as alturas dos muros e as condições de estrutura e funcionamento fazem com que se perca a capacidade de ver para além do concreto visível o que embrutece ainda mais a condição de ser professor.

Quando perguntado aos licenciandos do curso de Geografia da Unioeste, *campus* de Francisco Beltrão, quais os motivos que os levaram a escolher a profissão, muitos relatam as experiências vividas enquanto estudantes da educação básica em que tiveram professores(as) de Geografia que marcaram positivamente suas vidas, inclusive, incentivando-os a serem professores. Já outros não guardam boas lembranças em relação a seus professores de Geografia da educação básica, mas por razões diversas, acabam ingressando no curso e se identificando com a profissão.

Todavia, sabe-se que o acesso aos cursos de licenciaturas se popularizou, ou melhor, há uma grande oferta de cursos de formação de professores(as) das diferentes áreas do conhecimento, ofertados a distância e em tempos menores em relação aos das universidades públicas, onde o curso é presencial e geralmente concluído quando não há nenhuma intercorrência em 04 anos. Diante disso, somos desafiados constantemente a pensar e repensar a formação de professores de Geografia.

E no desafio diário de pensar a formação de professores que, também repousa o exercício de refletir o sentido da profissão. Quando enfatizamos o sentido, reacendemos uma reflexão que nos permite pensar o ser professor no contexto das políticas educacionais, haja vista a importância dessas, para entender não somente o sentido da profissão professor (a), como o da escola e o da educação para a sociedade contemporânea. Na medida em que se percebe que o objetivo da educação pública em países pobres como o Brasil é formar consumidores e mão-de-obra barata para o mercado, passamos a entender que o projeto de educação engendrado é excludente e fomentador da desigualdade social. Não há igualdade, mesmo que essa seja amplamente anunciada, não há cidadania porque não se forma cidadãos de direito e sim indivíduos consumidores, não há educação para todos e sim educação para alguns, enquanto para o tão aludido “todos”, sobra apenas alienação e migalhas.

Manipuladas pela mídia e por grandes grupos empresariais privados a educação pública e com ela a formação de professores torna-se “joguetes” nas mãos do grande capital que usa a educação pública para atender os interesses dessas corporações. Portanto, reforçar-se a necessidade de que a formação inicial e continuada dos professores seja de qualidade, uma vez que é importante que o professor(a) possa refletir constantemente sua prática, retroalimentando seu processo formativo.

O exercício da ação-reflexão-ação deve estar presente no dia a dia do educador como algo sempre novo, dinâmico, em construção. A prática docente reflexiva como ponto de partida para construção de saberes implica que a reflexão vai além da efetivação do saber. O professor não apenas ensina a aprender, mas aprende a ensinar com seus alunos, com outros professores, com as situações vivenciadas, discutidas com perguntas e respostas vindas de situações diversas, problematizadas, enfim, aprende com a socialização dos saberes e tal disposição deve ser o ponto central de sua prática cotidiana. (RODRIGUES, 2016, n.p)

Posto isto, ratificamos que o sentido de ser professor está na capacidade de agir no mundo de forma propositiva e consciente, é uma profissão essencialmente humana. Apenas essa característica reforça a tese que defendemos desde o início desse trabalho de que a profissão professor(a) é importantíssima, portanto, digna de ser valorizada e reconhecida por todos, inclusive, pelos gestores públicos que precisam olhar para as necessidades do povo e não do mercado. Em mares revoltos os professores não abandonam o leme, mas o agarram com mais força e determinação para que todos os tribulantes e embarcação possam ser salvos. Por isso que ser professor não pode ser uma escolha aleatória, não pode ser encarado ou transformado em uma atividade complementar, tendo em vista que ser professor é ser humano é preocupar-se com o outro é dividir, socializar um bem precioso chamado conhecimento. E é isso que enquanto professora que forma professores busco veementemente afirmar, seja professor porque acredita e vê sentido no que faz, pois do contrário será uma grande frustração.

Considerações Finais

Dadas às discussões realizadas chegamos ao fim desse breve ensaio com o anseio que esse tenha atingido o objetivo proposto, isto é, reflexão e ação sobre a profissão professor(a). Quando chegamos pela primeira vez em sala de aula, encontramos sujeitos que trazem consigo experiências e saberes. E um dos primeiros desafios a ser superado é a acolhida, não sabemos quem nos espera e, também, o que aqueles que lá estão esperam de nós. É um momento importante, o primeiro contato, muitas vezes, gera julgamento de valor e impressões oriundas no *feeling*, porém, sabemos que o processo de ensino e aprendizagem é contínuo e em seu desenvolvimento, vamos colocando as “coisas” no lugar. Cada dia é único, nenhuma aula por mais que o professor(a) execute a aula da mesma forma, é igual a outra, o espaço da aula é momento de aprendizagem, de trocas, de formação. A aula como lembra-nos Saviani (2005) supõe a presença do professor e do

aluno ao mesmo tempo, o ato de dar aula é inseparável da sua produção e consumo, pois a aula é produzida e consumida ao mesmo tempo por professores e alunos.

E partir dessa simples constatação reafirmamos a importância do professor em saber o porquê do ser docente. Por que ser professor(a)? Quando há tantas ofertas e carreiras com salários tão mais atrativos, seria essa profissão uma vocação ou missão. Portanto, a escolha é oriunda de outras questões que não essencialmente racional. Admitimos que ser professor é um escolha identitária, mas ela não está destituída de competência científica, ao contrário, ela exige competência, conhecimento e leitura de mundo. Ao dialogarmos sobre os desafios de ser professor de Geografia em tempos atuais, percebemos que muitas angústias dos licenciandos(as) passam pela falta de clareza sobre o sentido da profissão, ao mesmo tempo pelo não entendimento da Geografia na escola.

É urgente que os professores se apropriem dos saberes necessários à sua formação, ser professor(a) não deve se restringir a transferir conhecimentos prontos e acabados, mas ser capaz e ter condições de produzir conhecimento junto aos alunos, é isso que almejamos, que defendemos, que buscamos. Formar professor(a), ser professor(a) é algo que deve estar presente continuamente na vida de todos(as) que de fato entendem o valor e sentido dessa profissão.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BOFF, Leonardo. **A águia e a Galinha**. São Paulo: Vozes, 1997.

CALLAI Helena Copetti. **A formação do professor de geografia**. Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 39-41, dez., 1995. Versão online disponível em: <http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38032/24535>

_____. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Ideologia e educação**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 1, p. 245-257, jan./mar. 2016

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: ContraPonto Editora, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Helena Costa Lopes. **O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios**. 8ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Novo Hamburgo/RS:Ed. Feevale, 2003.

MARTINS, Rosa Elisabete MiltzWypczynski. **A formação do professor de geografia: aprendendo a ser professor**. Geosul, Florianópolis, v. 30, n. 60, p 249-265, jul./dez. 2015

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9 ed., Campinas: Autores Associados, 2005.

OLIVEIRA, Morgana Garda de. **A prática como componente curricular na perspectiva da formação inicial do professor de geografia para a educação básica**. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Francisco Beltrão. Dissertação de Mestrado, 2015.

OLIVEIRA, Tory. **Quem quer ser professor?** - publicado 26/04/2011. Revista Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/quem-quer-ser-professor>. Acesso em 29 de maio de 2017.

RODRIGUES, Liliane Barbosa Silva. **A formação de professores e seus desafios**. Anais do VI Simpósio Internacional, Trabalho, Relações de Trabalho, Educação e Identidade. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2016.